

**SE A
LIBERDADE
FOSSE
PROIBIDA**

Roça Rio do Ouro, São Tomé, 3 de fevereiro de 2026

O sino das cinco da manhã bateu com força e interrompeu o sono. Tive de vestir o uniforme branco que os feitores mandam usar para parecermos limpos. Por baixo da camisa, o pano roça nas feridas das chicoteadas de terça-feira. Caí de exaustão na roça de cacau e o feitor deu-me chicoteadas à frente de todos para servir de exemplo. A minha mãe baixou a cabeça e continuou o trabalho sem dizer nada. Olhei para a minha irmã mais nova que é mulata, fruto dos abusos que a minha mãe sofreu na casa-grande. Alguns trabalhadores ainda olham para ela com preconceito e não entendem que ela não tem culpa da violência dos feitores.

O meu pai contou-me que eles só vieram para aqui porque lhes fizeram promessas de uma vida melhor, mas era tudo mentira. O dia agora é só carregar cestos sob vigilância. Aprendi a ler e a escrever em segredo com um mestre da sanzala. Ontem à noite, reli as páginas da Alda do Espírito Santo que escondo sob as tábuas do chão bem longe da vista dos feitores. Na semana passada, quando os americanos e ingleses vieram, os feitores mandaram pintar as casas e deram comida melhor para enganar essa gente sobre a vida na ilha. Mal os estrangeiros partiram voltámos ao peixe seco. Ouvei os feitores a falar com medo sobre a guerra que já estourou em Angola e Moçambique.

Escrevo isto agora e volto a esconder o papel. O meu avô também me contou tudo sobre o massacre de Batepá que aconteceu há mais de 70 anos e o sangue que correu ainda está vivo na memória de muitos.

Até à próxima.

Fredson Barros, 10°C

Cruz de Pau, 22 de fevereiro de 2025

Querido Diário,

Hoje acordei com o barulho da rádio. Mais uma vez estavam a passar as notícias que “convêm”. Antes de sair de casa, a mãe pediu-me para não falar de certos assuntos fora de casa. Disse aquilo com um tom muito sério e parecia assustada, como se já tivesse acontecido antes. E fico a pensar: como é que se pode viver sempre com cuidado com

todas as palavras? Na escola foi a mesma coisa. Dizem sempre as mesmas coisas e, às vezes, só tenho vontade de perguntar o porquê de isto acontecer, mas não posso.

Sempre que abro a boca sinto um medo terrível, inexplicável.... tenho muito medo do que possa acontecer a mim e à minha família.

O meu pai disse que ouviu um estrondo ontem à noite. Era a PIDE a arrombar a porta dos nossos vizinhos por causa da denúncia que o próprio tio fez, nem tenho palavras. Enfim, espero que isto um dia mude, não dá para viver assim!

Por agora, escrevo por aqui, já que é o único lugar que posso dizer tudo o que penso.

Espero que ainda aqui estejas amanhã.Obrigada.

Constança Roseiro, 9º D

5 de abril de 2026

Não sei se fiz bem em ir hoje. O Zé já me tinha avisado que agora andam mais atentos a este tipo de coisas, mas já não aguentava mais. Precisava de tocar, de me sentir-me livre. A jam session era num sítio pequeno, nas traseiras de um bar. No início estava tudo normal, não podíamos correr o risco de sermos apanhados então falávamos baixo e os acordes das violas ecoavam num tom baixo.

Quando começámos a tocar, correu-me a lágrima pelo rosto. Durante alguns minutos pareceu que tudo lá fora deixou de existir. Tocámos músicas que nunca passam em lado nenhum, músicas que toda a gente conhece, mas ninguém admite, mas que ninguém admite. Algumas pessoas cantavam baixo, outras nem tanto, mas a mim só me passava pela cabeça o quanto aquilo fazia falta.

Até que algo estranho me chamou à atenção. Um rapaz encostado à parede, a olhar para tudo. Não cantava, não sorria, não reagia. Só observava. No início achei esquisito, mas não me importei muito. Só que quanto mais olhava, mais me parecia que ele não estava ali pela música.

A certa altura o ambiente mudou. Não sei explicar bem, mas ficou pesado. Algumas pessoas começaram a calar-se, outras trocaram olhares. Ninguém disse nada, mas todos perceberam o mesmo que eu.

Sáí de lá mais cedo. Desde então, não consigo parar de pensar nisso. E se ele era mesmo o que eu estou a imaginar? E se já sabem quem estava lá?

Agora qualquer barulho me faz olhar para a porta. Parece ridículo, porque eu só fui tocar guitarra..., mas já nem isso parece seguro. Amanhã, se alguém falar disto, acho que vou dizer que nem devia ter acontecido, que foi irresponsável. É melhor assim. É mais seguro. Mas agora, enquanto escrevo isto, tenho a guitarra ao meu lado. Ainda não tive coragem de a guardar. Toquei há bocado, muito baixinho, quase sem som. Só para mim. Não sei... acho que não consigo simplesmente parar.

Santiago Dias, 9ºD

7 de abril de 2026

Hoje seria o dia de apresentar um teatro na minha escola. Aquele que temos vindo a preparar há meses. Mas ontem, enquanto revíamos a peça para o grande dia, ficámos a saber que houve falas e cenas cortadas. Segundo os delegados de censura, continha demasiado humor político. Agora teremos de rever a peça toda, na esperança de que desta vez não seja censurada.

Soraia Mendes, 10ºG

13 de abril de 2026

O ambiente na escola está estranho. Os professores andam mais contidos e nas aulas de História, os manuais parecem omitir tudo o que realmente importa. O meu pai diz que não devemos falar sobre política fora de casa, nem sequer com os amigos. Sinto que vivemos numa bolha onde o tempo parou.

Emanuela Monteiro, 10ºF

14 de abril de 2026

Hoje, na aula de História, a professora voltou a falar sobre a “missão civilizadora” de Portugal e sobre como devemos ser gratos pela estabilidade que o nosso governo nos garante. Enquanto ela falava, mantive os olhos baixos no caderno, fingindo anotar cada palavra, mas o meu pensamento estava longe! Senti um aperto no peito quando o senhor diretor passou pelo corredor; o som dos seus passos pesados parece sempre um aviso para que ninguém se atreva a pensar alto demais.

À hora de almoço, a Maria sussurrou-me que o pai dela tinha sido levado pela PIDE durante a noite. Ela não chorava, apenas tremia, com um medo que parecia entranhado na pele. Tivemos de nos calar imediatamente, porque até as paredes da escola parecem ter ouvidos e os professores, por vezes, parecem espiões disfarçados de educadores. É exaustivo viver assim, com este silêncio forçado que nos obriga a esconder o que sentimos, o que lemos e até o que sonhamos.

Em casa, o rádio está sempre sintonizado na estação oficial, e o meu pai evita qualquer conversa que possa ser perigosa. Às vezes, pergunto-me como seria poder dizer o que penso sem olhar para trás, sem o receio de que uma palavra errada possa destruir a vida da minha família. Gostava de poder ler os livros que estão proibidos na biblioteca, de saber o que acontece lá fora, para além das fronteiras que nos impuseram.

Sinto que crescemos numa redoma, onde a obediência é a única virtude valorizada. Gostava de acreditar que um dia este nevoeiro vai passar e que poderei ser eu mesma, sem este peso constante na consciência! Por agora, fecho o diário, escondo-o bem fundo na gaveta e preparo-me para o dia de amanhã, onde a regra principal continuará a ser o silêncio!

Amaura Costa, 10°C

14 de abril de 2026

Querido diário,

O dia acordou com aquela neblina pesada que parece vir do Tejo para nos calar. No café, o Sr. Joaquim mal levantou os olhos do balcão; o jornal estava aberto na primeira

página, mas todos sabemos que o que lá vem escrito passou primeiro pelo crivo de quem manda. É um silêncio estranho, este. As pessoas cruzam-se na rua, dão o “bom dia”, mas os olhos andam sempre a saltar para os lados, a ver quem está a ouvir. Dizem que a ordem é o que nos salva, que o país está finalmente em paz. Mas é uma paz que aperta o peito.

Ontem levaram o filho da vizinha do terceiro esquerdo. Ninguém pergunta porquê, ninguém diz o nome dele alto. É como se nunca tivesse existido. A PIDE tem ouvidos em cada esquina, e a liberdade é uma palavra que só se lê nos dicionários antigos, guardados no fundo da gaveta.

Sinto que o tempo parou. O relógio da torre bate as horas, mas os dias são todos iguais, feitos de medo e de vénias. Dizem que isto é para o nosso bem, que Portugal é um jardim à beira-mar plantado, mas as grades deste jardim são cada vez mais altas.

À noite, apago a luz cedo. No escuro do quarto, o único sítio onde o pensamento ainda é meu, pergunto-me se algum dia voltaremos a falar sem medir o peso de cada letra.

Por agora, resta o silêncio. E o silêncio, dizem eles, é de ouro. Para mim, sabe a chumbo! Até à próxima!

Madalena

Kyara Fernandes, 8ºE

Lisboa, 15 de abril de 2026

Querido diário,

Hoje voltei da escola sozinho, com a mochila pesada e cansado! Tive uma aula diferente, com um homem de roupa escura e óculos de sol que veio observar o que fazíamos. A professora estava estranha e parecia desconfortável. Quase não nos deixou falar! Quando o João fez uma pergunta, ela respondeu depressa e mudou logo de assunto. No intervalo, ninguém quis comentar, como se pudesse dar problemas.

No caminho para casa, vi dois polícias a falar com um homem que estava encostado ao carro com papéis na mão. Pareciam zangados! Andei mais rápido e olhei para baixo,

como a mãe me ensinou. Quando cheguei a casa, ela perguntou como correu o dia. Eu disse que foi tudo normal, mas por dentro sabia que não. Sinto que às vezes, aprendemos mais sobre o que não podemos dizer do que sobre as matérias.

Fui para a cama e fiquei a olhar pela janela, a imaginar como seria um dia sem tanto silêncio e medo. Um dia em que pudesse contar tudo o que penso aos meus amigos. Guardei esse pensamento só para mim e adormeci. Talvez um dia as coisas sejam diferentes, mas por agora é melhor não falar muito sobre isso.

Boa noite,

Daniel Mendes

Bernardo Xavier, 9ºB

15 de abril 2026

Querido Diário,

Hoje ouvi uma conversa entre a Ana e a Júlia. Elas estavam a falar que havia uma emissão de televisão pirata que passava coisas que não podiam passar na televisão normal. Estou curiosa! Chama-se “canal 11”, mas não encontro em lado nenhum. Dizem ter ondas curtas. O que será que passa naquele canal que não pode passar no canal normal? Que tipo de programas terá? Estou tão curiosa, mas estou com medo que a polícia descubra.

Depois ao sair da escola, a caminho de casa, aconteceu uma coisa estranha. Num café, que fica a caminho, estava a polícia à porta. Estava a passar na televisão o tal “canal 11”, fiquei preocupada se a Ana e a Júlia estavam lá. E por curiosidade entrei. Só que não havia mais ninguém lá dentro... O que será que aconteceu? Será que elas estão bem?

Amanhã conto as novidades!

Leonor Godinho, 9ºB

15 de abril de 2026

Agora são uma e vinte e sete da manhã de quarta-feira e eu devia estar a dormir, mas não consigo parar de pensar nisto. Ontem, ouvi a minha mãe ao telefone. Ela falava baixo, quase a sussurrar e parecia nervosa, como se estivesse com medo de ser apanhada a esconder algo importante. Não consegui ouvir tudo, mas apanhei partes da conversa. A minha mãe falava com a minha tia. Foi mencionado, na conversa delas, um livro que se opõe ao Estado e, supostamente, não deveria existir. Também consegui ouvir algumas palavras soltas como “fugir”, “esconder”, “polícia” e “medo”.

Não sei o que se passa, mas espero que não façam mal à minha tia apenas por causa de um livro. E se descobrem que a minha mãe sabe? Não sei o que fazer e sei que se perguntar ninguém me dirá nada. Tenho medo, muito medo. Estou farta do receio constante em que se vive, como se dizer ou pensar demais pudesse ser perigoso. Odeio este regime!

Carolina Silva, 9ºD

Lisboa, 15 de abril de 2026

Querido Diário,

Escrevo estas linhas quase às escuras! Hoje, o clima na cidade estava tenso. Vi várias carinhas da PIDE passarem junto à Universidade e o silêncio que se instalou foi imediato e pesado. É impressionante como, mesmo após tantas décadas, o medo continua a ser a única linguagem que todos compreendemos, sem necessidade de tradução. Na aula de Educação Moral, o professor insistiu que a nossa pobreza é uma “virtude cristã” e que a democracia não passa de uma doença que corrompe as nações vizinhas.

É difícil acreditar nisso quando vemos, escondidos, os jornais estrangeiros que atravessam a fronteira. Lá fora, o mundo parece ter cor e movimento; aqui, tudo permanece cinzento, como se Portugal fosse uma sala de espera eterna que nunca abre a porta para o exterior.

O meu pai está mais calado do que o costume. Sei que o amigo dele, o Sr. Alberto, foi “convidado” a prestar declarações e ainda não regressou a casa.

Custa-me aceitar que, em pleno 2026, continuem a enviar rapazes da minha idade para uma guerra que parece não ter fim. O meu vizinho diz que o resto do mundo já esqueceu o que é o colonialismo, mas aqui o tempo congelou. Enquanto a Europa discute tecnologia e fronteiras abertas, nós continuamos a discutir trincheiras em África. Sinto uma revolta surda. Não sabemos o que é a liberdade, a não ser por ouvirmos dizer que é um “caos estrangeiro”.

Mas aqui chego ao final da página.

Até amanhã, Yasmina Joana

Yasmina Harakat, 8^ªE

Cruz de pau, 16 de abril de 2025

Querido diário

Hoje voltaram a falar da tal “lista”. Disseram que agora há uma lista com coisas que podemos e não podemos levar para a escola... livros, cadernos, até certos trabalhos. A diretora explicou tudo com aquele tom calmo que sempre usa, como se fosse normal. Mas não é.

O Miguel da minha turma ainda disse “já agora revistem as mochilas à entrada”, mas, ninguém se riu. Ficou literalmente aquele silêncio estranho, e eu senti logo que ninguém achou piada.

Cada vez sinto mais que tenho de ter cuidado com tudo. Afinal esta lista é para quê? Para decidir o que podemos ou não ter ou até o que podemos pensar?

Às vezes penso como seria bom poder dizer o que quero sem medo.

Beijinhos

Até amanhã!

Leonor Mendes, 9^ºD

16 de abril de 2026

Agora são quase três da manhã de domingo e eu continuo acordado, sem conseguir dormir. Hoje, ouvi o meu pai a falar ao telemóvel. Ele estava num tom baixo, tenso, como se cada palavra pudesse ser perigosa. Não percebi tudo, mas o suficiente para ficar inquieto. Ele falava com um amigo antigo. No meio da conversa, mencionaram um panfleto proibido, algo que critica o governo e que, ao que parece, não devia sequer circular. Eu estou com medo, não quero que alguém seja “castigado” por isso. E se descobrem que o meu pai está envolvido, mesmo que seja só por saber?

Sinto-me completamente perdido. Sei que se perguntar, vão desviar o assunto ou fingir que não é nada. Mas não é “nada”. Há sempre este medo no ar, esta sensação de que estamos constantemente a ser observados. As pessoas calam-se, engolem o que pensam, evitam até olhar umas para as outras durante muito tempo.

Estou cansado disto. Cansado do silêncio, da desconfiança, de viver com receio. Este regime sufoca tudo. Só queria ser livre!

Guilherme Amaro, 9ºD

16 de abril de 2026

Querido diário,

Sinto que não posso ser quem sou. Tenho tantas opiniões, mas guardo tudo para mim. Na escola dizem-nos sempre o que pensar e eu sei que nem sempre concordo... mas não posso dizer. A minha mãe está sempre a dizer-me para não falar de política na escola, para não me meter em sarilhos.

Tenho medo de falar. Medo das consequências. Mas também tenho medo de me calar para sempre.

Maria Inês Viana, 10ºG

18 de abril de 2026

Hoje sonhei que tudo era diferente. Na escola podíamos falar à vontade, fazer perguntas sem medo e ninguém era chamado à direção por dizer o que pensava. Havia livros de todos os tipos e podíamos escolher qualquer um. Parecia mesmo real. Quando acordei, ainda fiquei uns segundos a pensar que era verdade... mas depois lembrei-me de como as coisas são agora.

Yasmin Lübke, 10°F

20 de abril de 2026

Vim agora da escola e que dia cansativo. Pior ainda são as aulas de economia doméstica, são bastante secantes. Acabei de ouvir o meu irmão falar sobre o liceu masculino. Existem alturas em que gostaria de frequentar um. Sempre me interessei pela educação moral e cívica, até já pensei em ir para o exército. Mas, enquanto mulher, jamais poderei sequer pensar sobre essa possibilidade.

Soraia Mendes, 10°C

21 de abril de 2026

Hoje voltei a sair da escola muito desalentada, triste, cansada. Dou aulas há tantos anos, mas nunca me habituei completamente a este cuidado constante com o que digo, ou com o que escolho não dizer.

Durante uma aula um aluno perguntou-me: “Professora, porque é que há países onde as pessoas protestam e conseguem mudar leis?” A sala ficou em silêncio. Senti todos os olhares pousados em mim. Pesei as palavras antes de responder. Falei de “realidades diferentes”, de “contextos históricos próprios”. Palavras seguras, vazias o suficiente para não levantar problemas.

Apontaram as minhas palavras nos seus cadernos. Certamente que alguns irão pesquisar na internet, à qual têm acesso ainda que limitada e vigiada e irão questionar-se. Tenho fé nestes jovens.

Na sala de professores as conversas foram banais. O cansaço impera e há sempre alguma desconfiança.

Esta noite não liguei a televisão. O discurso é sempre o mesmo, de uma intimidação velada, de uma narrativa controlada. É desolador sentir que vivemos num país parado no tempo, enquanto o resto do mundo avança.

Amanhã volto à escola, à sala de aula onde, como sempre, vou tentar fazer o melhor possível, mesmo dentro dos limites invisíveis que nos rodeiam.

Talvez um dia o ensino possa vir a ser diferente, permitindo o debate de ideias, a expressão livre de opiniões, sem ter de medir cada palavra.

Anita Pedro

23 de abril de 2025

Hoje a aula de História foi estranha. O professor passou a aula inteira a ler um guião oficial sobre as “glórias do regime” sem nunca desviar o olhar do papel. Dava para ver que ele estava desconfortável ao ver aquilo, mas o inspetor estava lá atrás, no fundo da sala, a apontar tudo no seu telemóvel. À saída, vi o grupo do Tomás a sussurrar num canto do pátio, mas, mal me aproximei deles, dispersaram, já ninguém confia em ninguém. O medo de ser denunciado por um “comportamento desviante” é maior do que a vontade de desabafar. No caminho para casa vi um cartaz da “Juventude Nacional” colado por cima de um grafite que dizia apenas “Vozes”. Estão a tentar apagar aquilo que somos, mas as paredes continuam a tentar falar.

Inês Silva, 10ºF

25 de abril de 2026

Hoje descobri que a Marta não resistiu à tortura... Tinha-a avisado de que havia um traidor entre nós, mas ela é muito teimosa. Nós partilhávamos livros, músicas e filmes de outros países. Sei que é proibido, mas nada se compara com que há fora deste país. A liberdade de expressão é o que me encanta, eu também ensinaria a ler e a escrever, para mim o conhecimento é a única coisa que não pode ser roubada de nós.

Leusa Paquete, 10°F

17 maio 2026

Amanhã regressamos à escola, para a reta final deste ano letivo. Mais um ano longo, um ano final de ciclo para muitas meninas...serão boas donas de casa, mas algumas delas, acho sempre que podem ser algo mais, mesmo que estejam conformadas.

Estivemos esta semana que passou em interrupção pelas celebrações do 13 de Maio, dia de Fátima, que espero que o governo continue a marcar com pompa e circunstância...o mundo anda de pernas para o ar e acho que é por falta de religiosidade! Aqui, neste cantinho com sol, à beira-mar plantado, ainda corre tudo bem. Há valores, há moral, os miúdos são obedientes e as miúdas aprendem os afazeres do lar.

Ao ensinar Matemática, por vezes, começo a explicar às alunas as contas mais complexas e apesar de uma ou outra surgir com um brilho nos olhos, a maioria quer é saber de economia do lar...de ajudar o seu futuro marido quando faz as compras. Os rapazes são obedientes, mas muitos são pouco ambiciosos...gostava que apontassem mais alto.

Nestes dias de reuniões na escola, as minhas amigas falavam do sonho de viajar...eu queria ir a Londres...ouvi falar que lá há futebol jogado por mulheres...Omessa, como será esse jogo? Será possível? Cá só nos deixaram correr e fazer ginástica...e tudo sem competição...para não ficarmos masculinas...isso é para homens! Mas não vale a pena acalentar esse sonho...o meu pai não me deixaria...e quando arranjar um pretendente a marido espero que seja bom, que não tenha indiscrições passadas para que o Ministério me deixe casar...talvez depois consiga viajar com ele.

Ana Duarte

ENTRADAS ENCADEADAS

—
Por Diogo Alcobaça e Guilherme Roque 10º C

17 de abril de 2026

Hoje acordei com o som habitual do rádio do meu pai na cozinha. Abril já vai a meio, mas não há nada no ar que faça lembrar mudança, só o mesmo ritmo controlado de sempre! Ele estava a ouvir baixinho e, quando entrei, virou o botão quase por instinto. Fiquei a pensar no que estaria a dar antes de eu aparecer.

Na escola, a aula de História foi sobre “continuidade nacional”. A professora falou com aquele tom seguro, como se não houvesse outra versão possível das coisas. Lá fora, o tempo estava estranho para abril! Céu limpo, mas um silêncio pesado! O Miguel fez uma pergunta, qualquer coisa sobre outros países, outras formas de viver. A resposta foi vaga, e o ambiente ficou tenso.

À noite, o meu avô chamou-me ao quarto. Fechou a porta com cuidado e tirou de uma caixa um papel velho. Era um poema. Leu em voz baixa, quase a sussurrar. Falava de um dia de abril em que as pessoas saíam à rua, sem medo, juntas. Perguntei-lhe se isso alguma vez aconteceu aqui. Ele respondeu: “Quase.” Fiquei com essa palavra na cabeça.

18 de abril de 2026

Hoje pareceu-me que tudo estava mais visível. Como se, depois de ontem, eu estivesse a reparar em coisas que sempre estiveram ali.

Na biblioteca da escola, tentei procurar livros diferentes, algo que fugisse ao que nos mandam ler. Mas há secções inteiras que parecem não existir oficialmente. Quando perguntei, disseram-me que “nunca fizeram parte”. É estranho como o “nunca” aparece tantas vezes.

O Miguel esteve distante o dia todo. No intervalo, tentei falar com ele, mas respondeu só: – “É melhor não.” E ficou por aí. Nem precisei de perguntar mais nada.

Em casa, perguntei à minha mãe se abriu já significou alguma coisa diferente. Ela ficou tensa imediatamente. Disse-me para não me meter em ideias e mudou de assunto como se tivesse desligado um interruptor.

À noite, voltei ao rádio. Desta vez com mais atenção. Durante um segundo, apanhei uma música diferente, mais viva, quase caótica! Parecia livre! Depois desapareceu!

19 de abril de 2026

O Miguel não apareceu na escola hoje. Ninguém comentou. Nem uma palavra. O lugar dele estava vazio, mas era como se tivesse sido apagado, não só ele, mas a própria ausência dele. Isso é o mais estranho quando até o vazio é controlado. Passei o dia com uma sensação estranha, como se estivesse a caminhar numa linha muito fina, sem saber exatamente onde ela está.

À tarde, falei outra vez com o meu avô. Ele parecia mais cansado. Disse-me que há coisas que quase aconteceram em abril e que, por isso mesmo, há quem nunca as tenha esquecido. Pediu-me para ter cuidado até dentro de casa.

À noite, liguei o rádio outra vez. Fiquei ali, no escuro, a rodar o botão devagar. E ouvi. Outra vez! Aquela interferência, aquela voz que não pertence a este silêncio!

—

Por Gabriel Ferreira, 10º F

31 de março de 2026

Nunca pensei que fosse voltar a escrever assim, mas acho que preciso de organizar a cabeça de novo. Hoje chegou um novato à esquadra. Parece gente boa, ele ainda acredi-

ta que isto tudo é “manter a ordem”. Acho engraçado como eu também já pensei assim.

O comandante fez aquele teatro de sempre: energia falsa, discurso bonito... quem vê de fora até acredita. Mas quem já está aqui há algum tempo sabe bem o tipo de pessoa que ele é.

Não sei se o novato vai durar muito sem perceber como as coisas realmente funcionam.

5 de abril de 2026

Mais um dia igual aos outros. Ordens, silêncio e fingir que está tudo certo. Falei um pouco com o novato... dá para ver que ainda está a tentar entender tudo.

Contei-lhe algumas histórias que presenciei neste inferno. Alguém tem que lhe abrir os olhos.

Os protestos continuam a crescer. E, sinceramente, começo a achar que eles têm razão. Não faz sentido tanta gente arriscar a vida assim à toa.

9 de abril de 2026

Hoje fui parceiro do novato. Mandaram-nos para o Parque da Paz por causa de panfletos contra o governo. Acho isso até cómico, um papel com palavras assusta mais que armas.

Durante a operação, vi nos olhos dele aquela dúvida pela primeira vez. Ainda é pequena, mas está lá. Talvez ainda haja esperança para ele.

13 de abril de 2026

Hoje, o novato, decidiu vir para a rodinha de conversa. Confesso que não esperava. Fi-

cou meio calado no início, mas deu para perceber que está a pensar mais do que devia, ou melhor, mais do que nos deixam. A dizer que está a escrever um diário.

Avisámos sobre o diário, isso pode dar muitos problemas. Aqui, pensar já é perigoso. Escrever, então, é pedir para ser apanhado.

20 de abril de 2026

Hoje foi difícil.

Fomos chamados para um protesto, que estava a ser comandado pelo nosso suspeito, Marcos Guerra. Já sabia que ia correr mal, sempre corre mal, sempre.

Quando levaram o Marcos, já era esperado, mas... o que não consigo tirar da cabeça foi o miúdo. Ele não fez nada. Nada. E mesmo assim... levou um tiro. Às vezes pergunto-me em que momento deixámos de proteger pessoas e passámos a ser isto.

22 de abril de 2026

Acho que fomos descobertos. Há olhares diferentes na esquadra. Silêncios estranhos. O comandante anda mais atento do que o normal.

Se algo acontecer... espero que o novato não se meta nisto. Ele ainda pode sair a tempo.

Nós... talvez já não. Se alguém estiver a ler isto... então provavelmente já aconteceu.

Sempre soube que isto podia acabar assim. Chamam-nos corruptos, traidores... mas, no fundo, só não quisemos fechar os olhos. Se pensar é crime, então talvez eu seja culpado. Mas, pelo menos, ainda sei que sou humano.

09 de abril de 2026

Hoje o meu pai tirou metade dos meus livros das estantes que tenho no quarto e no escritório. A minha mãe diz-lhe sempre que ele está a exagerar, mas ele insiste em dizer que nós, jovens, não sabemos dar valor à ordem do nosso país. Faltam cinco dias para o meu aniversário e não faço ideia do que hei de pedir como prenda. Duvido que o meu pai me queira dar livros, nenhuma das roupas que vendem agora nas lojas são bonitas, a minha mãe tem medo que eu ande com joias porque podem achar “liberdade a mais” ... Realmente não sei o que fazer!

13 de abril de 2026

Não consegui escrever aqui ontem, o meu pai estava tão chateado que ontem me mandou ler as ideias do Estado Novo em voz alta desde o momento em que cheguei a casa até dormir. Estava exausta... Eu estou exausta!

Amanhã é o meu aniversário, mas acho que não vou receber absolutamente nada!

14 de abril de 2026

Hoje foi o meu aniversário, foi divertido na escola! A Vitória deu-me um casaco que ela não usava mais porque sabia que eu gostava dele, o Leo deu-me pulseiras de pano discretas e a Laura deu-me um peluche de um sapinho! Em casa jantei com os meus pais, como num dia normal, mas depois, a minha mãe entregou-me a minha prenda sem o pai ver. Abri no quarto, em silêncio, sem ninguém por perto. Era o livro que tinha pedido... Agradei em segredo e finalmente, dormi feliz!

12 de abril de 2026

Passsei hoje pelo mercado da Dona Rosa com o objetivo de comprar pão para o jantar, mas, aquando da minha chegada, deparei-me com um sinal vermelho colado na porta e centenas de pedaços de vidro espalhados pelo chão. O aviso informava que o estabelecimento se encontrava encerrado até nova gerência. Fiquei pasmada, já que ainda no dia anterior me tinha cruzado com a Dona Rosa e o seu marido.

Algumas horas depois, vim a saber que a PIDE os tinha levado, após terem sido considerados inimigos do Estado. Infelizmente, já receava que a sua captura viesse a acontecer, uma vez que a Dona Rosa era vista como “problemática” devido às suas opiniões políticas. Irei hoje à missa com ambos no pensamento e no coração. Que Deus os ajude!

14 de abril de 2026

Quando vinha para casa, deparei-me com um rapaz da minha vizinhança que estava a vender CDs com música não censurada. Cada CD custava 24 euros — um valor elevado, mas aceitável tendo em conta a mercadoria.

Pensei seriamente se deveria gastar a minha mesada na oportunidade de ouvir músicas ao meu gosto, mas, infelizmente, não tive coragem suficiente para me arriscar!

15 de abril de 2026

Estou farta de viver assim. A cada dia sinto-me encurralada num ciclo vicioso, sem fim e sem escapatória: acordar, vestir, comer, ir à escola, voltar para casa, estudar, ir à missa, jantar e dormir.

É um ciclo sem cor e sem emoção, onde a única adrenalina que sinto é observar outros adolescentes a recorrer à rebeldia. Eu preciso urgentemente de me arriscar e lutar por aquilo que tenho a certeza de que mereço: a liberdade de ser e agir como quero.

Quero protestar e fazer com que a minha voz seja ouvida e respeitada! Acredito que posso vir a mudar as nossas vidas num futuro próximo. Sinto essa possibilidade cada vez que rezo a Deus para me dar forças para enfrentar um novo dia repleto de restrições. Quero viver como se não houvesse amanhã!

17 de abril de 2026

Basta deste constante sentimento de sofrimento! Todos nós merecemos poder fazer o que queremos. Vou acabar com este ciclo horrendo que tenho vivido durante 17 anos. Já não sou uma criança indefesa e frágil!

Amanhã será o momento em que vou mudar o meu futuro, ao participar numa manifestação contra o machismo. Nenhuma mulher precisa de um homem para a guiar, e eu irei demonstrar porquê.

Não vou mentir: sinto-me petrificada ao pensar que me pode acontecer o mesmo que aconteceu à Dona Rosa e ao seu marido. Mas temo ainda mais a ideia de viver para sempre presa numa rotina que me rouba a cor e a vida. Prefiro viver com orgulho do que com medo constante, aprisionada na falta de liberdade. Caso contrário, não estaria a ser verdadeira comigo própria.

Peço a Deus que me proteja e que lute ao meu lado e ao lado de todos os que desejam ser livres!

Por Dânia Lopes, 7ªA

3 de março de 2026

Hoje aconteceu uma coisa estranha na escola. Tiraram todos os mapas da sala de Geografia. A professora disse que “já não são necessários” porque agora usamos apenas o “Mapa Oficial Digital”. O problema? Esse mapa não mostra alguns países... e ninguém pode fazer perguntas. O Miguel tentou. Levou falta disciplinar.

6 de março de 2026

O meu pai pediu-me para não comentar nada do que se passa na escola. Disse que “há coisas que é melhor não saber”. Mas isso só me fez querer saber mais. Hoje reparei que o meu telemóvel demora mais tempo a abrir certas pesquisas... e algumas simplesmente não carregam. Tipo: “história recente”, “protestos”, “fronteiras antigas”. Coincidência? Não me parece.

15 de março de 2026

Hoje alguém deixou um papel dentro do meu cacifô. Só dizia: “Se queres saber a verdade, não uses a internet.” E um símbolo estranho — tipo um círculo com uma linha cortada. Estou um bocado assustada... mas também curiosa.

—

Por Rafael Moreira, 10ºH

6 de setembro 2026

Oh não... encontraram o José, não vão demorar muito a encontrar-nos. Eu avisei que espalhar cartazes contra o regime era má ideia, mas não me quiseram ouvir. A AGCI (Agência Governamental de Controlo de Informação) age rápido em casos destes e o nosso grupo ficou desleixado, logo não temos muito tempo.

9 de setembro 2026

Catapimbas! Encontraram o nosso novo esconderijo. Já os consigo ouvir a arrombar a porta, e notei que todas as saídas estão cobertas. Mas não morrerei sem dar luta... o esconderijo tem uma pequena passagem onde eu posso guardar estas notas, se alguém as encontrar, por favor continuem a nossa missão. *Descendit cum tyranno.*

Hugo

O jornal *A Outra Margem* lançou aos alunos o desafio de imaginarem como seria a vida em abril de 2026 se a Revolução dos Cravos nunca tivesse acontecido. Como seria? Como viveríamos? O que teria mudado? O que teria permanecido? São perguntas às quais nunca poderemos responder verdadeiramente, mas que este exercício de ficção tornou inevitáveis.

Em vez de voltarmos apenas a contar o que foi o 25 de Abril, propusemos um olhar diferente. Pedimos aos alunos que imaginassem um Portugal onde não se pode votar nem protestar, onde os livros são controlados, os professores são vigiados e até as palavras se tornam perigosas. A proposta foi muito bem recebida e deu origem a várias entradas de diário que mostram, de forma inquietante, como a ausência de liberdade altera a vida de todos os dias. Teve como orientadores os professores Pedro Beda, Rita Brites, Soraia Santos e Susana Ferreira.

Entre os textos recebidos surgem entradas de diário imaginárias, escritas em segredo por pessoas a viver num país sem liberdade. Escrevem escondidas, em silêncio, com medo, mas também com coragem. E é isso que estes textos nos recordam. Lembrar Abril não é apenas celebrar. É também resistir. Porque escrever, mesmo quando nos tentam calar, continua a ser um dos mais fortes gestos de liberdade.

**A Outra
Margem**